

As crônicas de José Valladares e o Modernismo na Bahia

Juciara maria Nogueira BARBOSA¹

O presente artigo visa destacar algumas contribuições do museólogo, professor e jornalista José Valladares para a aceitação do Modernismo na Bahia, comentando crônicas por ele publicadas entre 1948 e 1950. As crônicas selecionadas foram originalmente divulgadas no *Diário de Notícias*, jornal de propriedade dos *Diários Associados*, empresa de comunicação pertencente a Assis Chateaubriand e sediada no Rio de Janeiro, cuja sucursal na Bahia era dirigida desde 1942 pelo pernambucano Odorico Tavares, intelectual influente e inovador.

A arte moderna começou a vigorar na Bahia, de forma mais efetiva, a partir de 1948, com a exposição de arte contemporânea promovida pelo carioca Marques Rebelo e realizada em Salvador com o apoio do secretário de educação e saúde Anísio Teixeira, na gestão do governador Octávio Mangabeira. Só a partir de então o Modernismo passou a ser melhor aceito e para isto a contribuição de José Valladares, através da mídia impressa, merece ser destacada.

Palavras-chave: imprensa, Diário de Notícias, crônicas, arte moderna.

Em publicação intitulada *Os primórdios da arte moderna na Bahia*, o artista baiano Sante Scaldaferrri (1998, p. 61) afirmou que “sabemos que o surgimento da arte moderna na Bahia é assinalado pela diminuição da defasagem entre as linguagens anacrônicas vigentes e as contemporâneas, através de várias gerações de artistas”. A título de facilitar a compreensão do surgimento da arte moderna na Bahia, o autor ressaltou quatro acontecimentos marcantes dessa trajetória. O primeiro, considerado um fato isolado, foi a exposição do artista baiano José Guimarães, realizada em 1932 no saguão do prédio do jornal *A Tarde*. A crítica publicada nos jornais *A Tarde* e *Diário de Notícias* foi favorável, considerando José Guimarães um pintor modernista, mas a exposição não foi bem recebida pelo público (*Ibid.* p. 35).

¹ Mestra em Artes Visuais - UFBA. Doutoranda em Cultura e Sociedade –Universidade Federal da Bahia, onde pesquisa *As políticas culturais implementadas por Anísio Teixeira e as artes na Bahia: abrindo caminhos para o Modernismo*. E-mail: juciaranogueira@yahoo.com.br

O segundo marco do surgimento do Modernismo na Bahia foi a exposição de arte moderna organizada em 1944 por Jorge Amado, juntamente com o gravador e pintor paulista Manoel Martins e com o jornalista Odorico Tavares. Foi patrocinada pela Seção da Bahia da Associação Brasileira de Escritores e contou com cerca de 80 obras de já conhecidos artistas nacionais, mas também não logrou sucesso² (*Ibid.* p. 95).

O terceiro foi a exposição itinerante de arte contemporânea que percorreu algumas grandes cidades brasileiras e foi realizada em Salvador em 1948 “trazida pelo escritor carioca Marques Rebelo, a convite de Anísio Teixeira, Secretário de Educação e Saúde” (*Ibid.* p. 67). O evento teve elogiosa e farta cobertura da imprensa.

O quarto marco do surgimento do Modernismo na Bahia foi a exposição *Novos Artistas Baianos*, realizada em 1950. A coletiva contou com obras dos artistas locais Mário Cravo Júnior, Jenner Augusto da Silveira, Lígia da Silva Sampaio e Rubem Valentim. O evento foi patrocinado pela revista de cultura *Cadernos da Bahia*, dirigida pelo escritor Carlos Vasconcelos Maia e pelo poeta Carlos Tuiuti Tavares (*Ibid.* p. 71).

As relações entre imprensa e arte moderna na Bahia desde os seus primórdios sempre foram fortes e não raro envolveram artistas, jornalistas, políticos, promotores culturais e intelectuais atuantes. Por trás das publicações, a força do contexto histórico, político, econômico e social exercia influência nem sempre claramente compreendida ou vislumbrada por aqueles que redigiam para os jornais da época. A importância da imprensa no campo cultural é inegável: complexa, controversa, discutível, polêmica. Assim, as ligações entre os que trabalham com a criação, gestão e difusão da cultura vêm sendo, na contemporaneidade, alvo de questionamentos, estudos e pesquisas que, não raro, visam elucidar o relacionamento dos intelectuais com a cultura.

Gramsci, além da sempre lembrada distinção entre intelectuais tradicionais e orgânicos, elabora uma outra tipologia de intelectuais, igualmente plena de desdobramentos elucidativos. Ele diz de outros três tipos de intelectuais: aqueles que criam, como os artistas e cientistas, por exemplo; os que organizam a cultura, dentre os quais podem ser destacados os gestores e os produtores culturais e, por fim, aqueles que difundem a cultura, tais como os educadores e os profissionais de comunicação (RUBIM, 2003, p. 89).

2 A não aceitação dos valores estéticos destacados na exposição de arte moderna fez com que, pouco tempo depois, fosse organizada pelo escritor Wilson Lins a “Exposição Ultramoderna”, visando ridicularizar a anterior. Os jornais *Diário da Bahia* e *O Imparcial*, deram grande cobertura, sempre elogiosa à exposição-sátira. Sobre o assunto, Sante Scaldasferri (*op. cit.*) apresenta farto material, transcrevendo diversas matérias.

Evidentemente, os três tipos de intelectuais dos quais trata Gramsci são atores sociais distintos, ocupando papéis específicos no contexto político e social de uma época. Mas há casos que fogem à regra, como bem demonstra a trajetória de José Antonio do Prado Valladares. Baiano nascido em Salvador em 1917, iniciou seus estudos em sua terra natal e prosseguiu em Recife, onde tornou-se bacharel em direito aos 20 anos. De volta à capital baiana, aos 22 anos foi indicado para a direção do Museu do Estado. “Em 1943 recebeu o apoio do Governo do Estado e da Faculdade de Filosofia para que, com uma bolsa da Fundação Rockefeller, realizasse cursos de história da arte e estágios em museus norte e sul-americanos” (CERAVOLO e SANTOS, 2007, p. 196-197). Em Salvador, tornou-se notável como gestor e produtor cultural, como educador e, ainda, como profissional da área de comunicação realizando uma trajetória até o momento carente de rigorosa e abrangente pesquisa, que destaque suas contribuições no campo cultural.

O jovem Diretor, com estudos de Museologia realizados nos Estados Unidos da América do Norte, autor do livro consagrado *Museus para o Povo*, exercia a crítica de artes nos jornais da Bahia e afirmava-se como um verdadeiro animador de cultura (ROCHA, 1992, p. 120).

Em suas múltiplas funções imbricadas no âmbito da cultura, pode-se destacar as de dirigente do Museu do Estado, cargo que ocupou até sua morte em um desastre aéreo, em 1959; também a de professor de estética da Faculdade de Filosofia da Bahia; ainda notabilizou-se como jornalista, por seus textos regularmente publicados no jornal *Diário de Notícias*, onde, no *Suplemento Dominical*, destacava em suas crônicas aspectos relevantes acerca da arte.

A crônica, texto jornalístico de caráter opinativo, trata sempre de assunto da atualidade, não exige rigor formal e é, também, uma fonte de referência da época em que foi escrita. As crônicas referentes às artes na Bahia publicadas por José Valladares entre 1948 e 1950 tratam de um período de profunda transformação no campo artístico baiano, haja vista que até 1947, ano em que Otávio Mangabeira tornou-se governador, ainda predominava nas artes a influência do academicismo³ e até então, por questões

3 O termo aqui empregado é uma referência a arte acadêmica, que diz respeito a pintura e escultura produzidas sob a influência das academias européias do Século XIX.

históricas, políticas, econômicas e sociais, o Modernismo, que tem como marco no Brasil a Semana de Arte Moderna de 1922 realizada em São Paulo, não havia sido aceito na Bahia (BARBOSA, 2009). Ao assumir o governo em 1947, Otávio Mangabeira convidou o renomado educador baiano Anísio Teixeira para Secretário de Educação e Saúde, cargo que exerceu até o final do mandato, em 1951.

Se até 1947 as manifestações do Modernismo na Bahia eram mínimas e não raro dignas de críticas ferozes, nesta gestão a arte moderna finalmente encontrou apoio político, financeiro, divulgação e incentivos. Em 1951 Otávio Mangabeira encerrou seu mandato e Anísio Teixeira concluiu um ciclo que exerceu, apesar das muitas dificuldades, de forma excepcional, especialmente se levarmos em conta suas realizações no âmbito da educação e, também, as políticas culturais que adotou e o apoio que deu às artes.

Um dos motivos do êxito de Anísio na gestão de uma secretaria que englobava educação, saúde e à qual estava subordinado o recém-criado Departamento de Cultura residiu na habilidade do educador de delegar poderes e administrar de forma prática. Só para destacar dois nomes que são referências em suas respectivas áreas na Bahia, vale citar que, como secretário, Anísio contou com o auxílio do médico José Silveira para os assuntos de saúde e com o empenho do médico e professor Thales de Azevedo para por em prática o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Columbia University (1949-1953). Sobre o talento de Anísio para se cercar de pessoas competentes nas múltiplas áreas de sua secretaria, observou o poeta e galerista Carlos Eduardo da Rocha (1992, p. 124):

Com a invejável capacidade de formar suas equipes de colaboradores, assessores e especialistas credenciados nos vários campos de educação e cultura, logo arregimentada, na Bahia, para sua gestão, os nomes de Diógenes Rebouças e de José Valladares, este que prestou ao Secretário Anísio os melhores serviços como Diretor do Museu do Estado.

Durante a gestão de José Valladares à frente do Museu do Estado, foi criado um centro de publicações que editou diversas obras de relevância sobre arte e história da Bahia⁴. Entre 1947 e 1951, especificamente, foram prestigiados autores como Frederico

4 A relação de todas as obras editadas pode ser encontrada em FLEXOR, 2003, p. 47.

Edelweiss, que publicou *Tupis e Guaranis* em 1947; Edison Carneiro, que em 1948 publicou *Candomblés da Bahia*; Pedro Calmon, que em 1949 publicou *História da fundação da Bahia*; Charles Wagley, que em 1950 publicou *Uma pesquisa sobre a vida social do Estado* e Robert Smith, que em 1951 publicou *Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história*. Além dessas e de outras obras, alguns livros do próprio José Valladares foram publicados, a exemplo de *A Galeria Abbott; primeira pinacoteca da Bahia*, lançado em 1951 e fruto de uma monografia por ele apresentada no *I Congresso de História da Bahia*, realizado em março de 1949.

Nestas e em outras publicações, o empenho de José Valladares foi inquestionável. Cabe ainda registrar suas contribuições para a realização de diversas palestras e conferências promovidas pela Secretaria de Educação e Saúde, ocorridas em Salvador entre 1947 e 1951:

José Valadares, na direção do Museu do Estado, recebeu de Anísio Teixeira o maior estímulo para uma série de realizações que marcaram época, como sejam, primeiro uma série de publicações que incluiu numa preciosa coleção de estudos, que foram considerados definitivos; e a promoção de palestras e conferências que foram notáveis pela importância dos autores, especialistas, brasileiros como Sérgio Millet, Mário Barata, Murilo Mendes, Alfredo Mesquita e estrangeiros como Melville Herskovits, German Bazin, Robert Smith e outros (ROCHA, 1992, p. 120).

Também a promoção do *I Salão Bahiano de Belas Artes*, evento patrocinado pela Secretaria de Educação e Saúde realizado de primeiro a 30 de novembro de 1949, no Hotel da Bahia, contou com a participação de José Valladares. Na lista da comissão organizadora do *Salão*, registrada no catálogo da exposição, consta o nome de Anísio Teixeira como presidente, Presciliano Silva como vice-presidente e José Valladares como secretário geral.

A formação acadêmica e a experiência de José Valladares à frente do Museu do Estado, junto com a administração inovadora de Anísio Teixeira, favoreceram a adoção de iniciativas, no governo Otávio Mangabeira, hoje históricas. Algumas dessas iniciativas, bem como narrativas de acontecimentos vinculados à arte moderna na Bahia, encontram-se registradas nas crônicas que publicou, no *Diário de Notícias*, jornal de propriedade dos *Diários Associados*, empresa de comunicação pertencente a Assis Chateaubriand e sediada no Rio de Janeiro. A sucursal dos *Diários Associados* na

Bahia era dirigida desde 1942 pelo pernambucano Odorico Tavares, intelectual que viria a se destacar na cena baiana:

apreciador das artes e da poesia, Odorico logo se adaptou a Salvador, entrosando-se entre os poetas populares, os intelectuais e cantores, cultivando amizades influentes e administrando com habilidade seu cargo, passando a ser uma referência na cidade que o acolheu (BARBOSA, 2005, p. 51).

Além de atuar como jornalista, no papel de diretor dos *Diários Associados* Odorico Tavares costumava abrir espaço em publicações, tanto de circulação estadual, quanto nacional – a exemplo das revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra* – para autores baianos. Provavelmente por sua formação intelectual, pelo cargo que ocupava e por seu envolvimento na cena artística baiana, Odorico Tavares providenciou para que José Valladares passasse a atuar como cronista do *Diário de Notícias*. Este jornal, “célebre matutino da capital, criado em 1875” (SANTANA, 2004, p. 15), foi adquirido por Assis Chateaubriand por influência de Odorico.

As crônicas

As crônicas publicadas por José Valladares no *Diário de Notícias* entre 1948 e 1957 foram avaliadas pelo autor e transformadas em dois livros. Ele próprio declarou: “em 1951, selecionei 42 crônicas, de um total de 87, correspondentes aos anos de 1948/50”. (VALLADARES, 1957). Essa seleção foi publicada no livro *Dominicais*, lançado em junho de 1951. A repercussão de *Dominicais* junto à crítica especializada e ao público, motivou José Valladares a lançar, em 1957, o livro *Artes maiores e menores*, resultado de outra seleção de crônicas, desta vez publicadas entre 1951 e 1956. O tema central de todas elas é a arte, mas nem todas tratam das artes na Bahia.

Para o presente artigo, serão consideradas as crônicas oriundas do *Diário de Notícias* publicadas em *Dominicais*, visando destacar algumas contribuições do museólogo, professor e jornalista José Valladares para a aceitação do Modernismo na Bahia. *Dominicais* está dividido em três partes. A primeira, formada por uma seleção de 18 crônicas publicadas em 1948, é composta pelos seguintes títulos: *Nem magia nem imitação* (23 maio 1948. p. 13-16), *Obras primas* (6 jun. 1948. p. 17-18). *A Bahia na agenda dos pintores* (13 jun. 1948. p. 19-22), *Sobre a difícil arte da escultura* (20 jun.

1948. p. 23-26), *Arte moderna ou contemporânea?* (27 jun. 1948. p. 27-30), *Antiguidade do expressionismo* (4 jul. 1948. p. 31-33), *Restauradores* (25 jul. 1948. p. 35-37), *As sete maravilhas de Minas* (15 ago. 1948. p. 39-42), *ABC (ou XYZ) da arte abstrata* (5 set. 1948. p. 43-46), *O museu imaginário de Malraux* (12 set. 1948. p. 47-50), *Fenômenos* (26 set. 1948. p. 51-57), *Sobre o Teatro Castro Alves* (10 out. 1948. p. 59-62), *A lição German Bazin* (24 out. 1948. p. 63-66), *Realismo e abstracionismo* (14 out. 1948. p. 67-69), *Regressa um artista bahiano* (21 out. 1948. p. 71-74), *A criação artística* (19 dez. 1948. p. 75-78), *A natividade nas artes* (25 dez. 1948. p. 79-83). Destas, cinco têm como assunto as artes na Bahia.

A segunda parte de *Dominicais* é formada por uma seleção de 11 crônicas publicadas em 1949, com os seguintes títulos: *Que nos trará 1949?* (1 jan. 1949. p. 87-90), *O malentendido do cubismo* (10 abr. 1949. p. 91-94), *A conferência de Sergio Milliet* (1 maio 1949. p. 95-99), *Crônica de aniversário* (8 maio 1949. p. 101-104), *O Anjo Azul* (19 jun. 1949. p. 105-108), *Dois variedades I e II* (17 jul. 1949. p. 109-113), *O Salão Bahiano I – Visitantes e instalação* (20 nov. 1949. p. 115-118), *II Obras expostas* (27 nov. 1949. p. 118-122), *III As premiações* (4 dez. 1949. p. 122-126), *Falsificações* (18 dez. 1949. p. 127- 131). Destas, seis tratam das artes na Bahia.

A terceira parte do livro *Dominicais* é composta por uma seleção de 13 crônicas publicadas em 1950 com os títulos: *Retrospecto* (1 jan. 1950. p. 135-138), *Tiziana Bonazzola* (15 jan. 1950. p. 139-142), *A propósito de uma tradução* (22 jan. 1950. p. 143-146), *As gravuras de Poty* (12 fev. 1950. p. 147-150), *Patrocínio das artes plásticas* (19 mar. 1950. p. 151-153), *A exposição dos novos* (23 abr. 1950. p. 155-159), *O escultor Mário Cravo* (18 jun. 1950. p. 161-165), *Meio de ano* (6 ago. 1950. p. 167-170), *Presença de Pancetti* (13 ago. 1950. p. 171-174), *A propósito de Rembrandt* (19 nov. 1950. p. 175-177), *Notas de um diário fictício* (3 dez. 1950. p. 179-188), *O mural do novo hotel* (17 dez. 1950. p. 189-193), *As artes no governo Mangabeira* (3 dez. 1950. p. 193-197). Destas, nove tratam das artes na Bahia.

Visando observar o contexto político e social do período delimitado para este artigo, cabe destacar um fato marcante ocorrido entre 15 e 30 de março de 1948, quando, a convite de Anísio Teixeira, o escritor carioca Marques Rebelo realizou em Salvador a *Exposição de Arte Contemporânea*, patrocinada pela Secretaria de Educação e Saúde. A exposição reunia 82 obras de conhecidos artistas nacionais e estrangeiros e

durante o evento Marques Rebelo falou ao público sobre arte moderna. “Estas palestras que, juntamente com a exposição, tiveram excelente cobertura da imprensa, foram, em síntese, um verdadeiro curso de arte a partir do impressionismo” (SCALDAFERRI, 1998, p. 143). Cerca de dez mil pessoas visitaram a exposição e diversas obras foram vendidas, o que demonstra que o público passou a aceitar melhor a arte moderna. A despeito dos resultados positivos, cabe observar que entre as obras expostas não se encontravam trabalhos de arte moderna realizados por artistas baianos.

O ano de 1948⁵

Na crônica *A Bahia na agenda dos pintores*, publicada em 13 de junho de 1948, José Valladares afirmou que a Bahia sempre serviu de fonte de inspiração para pintores, escultores e fotógrafos por reunir cenário colonial, bela paisagem e “população com hábitos pitorescos, dentro da moldura de vida moderna” (*Id.* p. 19), mas observou que “os artistas locais deixaram sem registro tanta coisa desaparecida e [...] continuam alheios ao que de mais original se passa na comunidade em que vivem” (*Id.* p. 20). Enquanto os artistas locais preferiam pintar paisagens, interiores, aspectos urbanos, marinhas e retratos, praticamente ignorando, como tema, o povo e costumes da Bahia, artistas de outros estados e países vinham à Bahia para “colher material” (*Id. Ibid.*).

Sugeriu, como alternativa para educar o público, a promoção de exposições de obras sobre a Bahia feitas por artistas visitantes. A iniciativa traria “uma nova visão de nossas próprias coisas, além do contacto com escolas de pintura diferentes da local” (*Id. Ibid.*). Valladares ainda comentou a possibilidade da Bahia estar na agenda dos pintores e com a chegada de artistas de fora “muitos avanços se farão em futuro próximo. Tanto na verdadeira valorização de aspectos da nossa vida como no alargamento de nossa visão artística e no conhecimento de técnicas de expressão” (*Id.* p. 22).

A carência da produção de arte moderna na Bahia estava vinculada a uma conjuntura política, econômica e social, conforme deixou claro em *Fenômenos*. Nesta crônica de 26 de setembro de 1948, José Valladares registrou uma homenagem prestada pela Escola de Belas Artes a Octávio Mangabeira, em 14 de setembro de 1949, pelo benefício que fez à instituição, ao promover a recuperação da mesma, que se encontrava em estado lastimável. Segundo afirmou o governador “chovia dentro de casa”

5 Entre as crônicas publicadas por José Valladares em 1948, serão comentadas aqui *A Bahia na agenda dos pintores*, *Fenômenos* e *Regressa um artista bahiano*.

(MANGABEIRA *apud* VALLADARES, 1948, p. 53). Valladares foi buscar na política a explicação para tal situação de abandono e afirmou que: “em vista das atribuições por que tem passado, desde o governo de José Marcelino, atribuições que significam, simplesmente, impossibilidade de ensino adequado, a Escola de Belas Artes devia ter desaparecido”⁶ (*Id.* p. 52), mas corajosamente enfrentou muitas dificuldades e se manteve em funcionamento. Nesse processo, a Escola se isolou, fato que contribuiu para a incompreensão da arte moderna por parte de seus professores e alunos:

o isolamento de eremita gera a intolerância, que gera a cegueira, que gera a falta de cultura, que gera o anacronismo. Como acompanhar a evolução da arte sem, pelo menos, livros e estampas – sem os livros e estampas que a Escola não tinha o dinheiro para comprar? Como compreender esta evolução, sem o contacto renovador de professores vindos de centros artisticamente mais avançados – os professores que a Escola não dispunha de meios para contratar? (*Id. Ibid.*).

Certamente, a falta de apoio político e econômico para a manutenção da Escola de Belas Artes contribuiu para que os valores estéticos da arte moderna ainda não prevalecessem entre os artistas baianos. Mas a situação era bem mais abrangente. Afirmou Valladares (*Id.* p. 53): “Dizem alguns cronistas que a cultura bahiana, tanto no sentido antropológico como no literário e artístico, é uma cultura insular”. Essa visão da Bahia como estado isolado e alheio às grandes transformações culturais viria, posteriormente, a ser detalhadamente tratada por outros estudiosos da história e da cultura baiana e, certamente, afetou o afloramento do Modernismo em meio aos artistas locais:

Em Salvador, a dinâmica do Modernismo - inscrita em símbolos como “máquina”, “eletricidade”, “fábrica” e “arranha-céus” - vai ser recebida com um sentido diferente da febre de remodelação urbana que provocou importantes transformações na cidade nas primeiras décadas do século e antecedeu a industrialização baiana que só chegaria a partir dos anos 50. Antes que buscar na velocidade modernista um mecanismo de compensação para o atraso e a modorra de sua vida insular, Salvador vai fincar pé nas tradições do seu orgulho quatrocentão, mantendo-se como um bastião do conservadorismo literário. Suas elites dirigentes vão defender a cultura oficial do ataque perpetrado pelos códigos de anarquia e destruição do movimento Modernista (MIGUEZ, 2000, p. 33).

6 José Marcelino de Sousa foi governador da Bahia entre 1904 e 1908, portanto, havia cerca de 40 anos.

Com o apoio de Anísio Teixeira, José Valladares contribuiu para o processo de transformação dessa situação. Ainda em 1948 como diretor do Museu do Estado

promovia, na Biblioteca Pública, conferências e exposições de pintura moderna com obras de alguns estrangeiros e brasileiros. Sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Saúde, o crítico Mário Barata fizera diversas palestras sobre temas como: *Elementos de arte moderna, Do impressionismo ao fauvismo, Do cubismo aos nossos dias, Cultura como fenômeno nacional e arte*, etc. Esses fatos tiveram o mérito de servir para colocar a maior parte dos artistas baianos em contato com o modernismo (FLEXOR, 20003, p. 50).

Apesar dessas e de outras iniciativas, uma consistente e efetiva mudança de mentalidade em relação a arte moderna entre os artistas locais não ocorreu logo e era esperada com ansiedade pelo crítico, conforme pode-se notar em *Regressa um artista bahiano*, crônica de 21 de novembro de 1948, onde Valladares tratou da volta a Salvador do jovem artista Carlos Frederico Bastos, que passou uma temporada nos Estados Unidos visando aprimorar seus estudos⁷. Valladares viu com otimismo o fato do artista baiano ter ido à América do Norte ao invés da Europa, como era de praxe entre os pintores que se destacavam no cenário local. Comumente, os baianos que iam estudar pintura na Europa retornavam sem o devido conhecimento das inovações nas artes lá promovidas. Valladares demonstrou esperar mais de Carlos Bastos, afirmando que

como muitos outros, estamos cansados da repetição. Desejamos arte que emocione. Entre outras coisas, arte com figuras humanas corpo inteiro, contendo uma idéia do mundo em que vivemos, arte que ofereça composição linear e no espaço, da criação do artista, e não o simples aproveitamento inteligente do que nos legou a natureza ou os arquitetos do passado. Desejamos o que não temos, embora reconheçamos merecimento, em parte do que nos tem sido dado (VALLADARES, 1951,p. 74).

Carlos Bastos também foi citado em outra crônica de José Valladares intitulada *O Anjo Azul* e publicada em 19 de junho de 1949, onde o autor destacou, com entusiasmo, duas obras que decoravam o bar *Anjo Azul*: uma pintura mural de Carlos Frederico

7 Embora Valladares só se refira a Carlos Bastos, Mário Cravo Júnior também foi estudar nos Estados Unidos. Conforme registrou Scaldaferrri (1998, p. 66), Carlos Bastos começou a expor coletivamente em 1944, no Salão de Arte Americana, no Instituto Brasil-Estados Unidos. No local realizou em 1947, uma exposição com Mário Cravo Júnior. Ainda em 1947 fez sua primeira exposição individual “e, logo após, juntamente com Mário Cravo Júnior, viaja para os Estados Unidos onde vai estudar na Art Student League com Nicolas Abracheff e tem aulas particulares com Harry Stenberg”.

Bastos e uma escultura em metal de Mário Cravo Júnior, artistas que viriam a ser expoentes do Modernismo na Bahia.

O ano de 1949⁸

Salvador, então conhecida como cidade da Bahia, completou 400 anos em 1949. O assunto foi abordado por José Valladares na crônica intitulada *Que nos trará 1949?*, publicada no primeiro dia do ano. No texto, comentou os motivos da estagnação das artes na Bahia, em uma perspectiva histórica:

quando consideramos o trabalho da Bahia para manter sua tradição de arte, a conclusão que se impõe é que, desde a proclamação da República, aproximadamente, estamos muito abaixo dos antepassados. A exceção aberta pelo governador Luiz Viana, contratando professores europeus, não teve continuadores (VALLADARES, 1951, p. 89).

Na seqüência, destacou o principal motivo para tal situação:

Explicações não faltam. Em primeiro lugar, naturalmente, a decadência econômica, de que só agora temos indicações de ir saindo. Por isso perguntamos: - que nos trará 1949? Que nos reserva este ano simbólico, queira deus simbólico do ressurgimento bahiano, econômico inclusive? (*Id. Ibid.*).

Entre suas expectativas em relação à arquitetura, registrou a da construção do Teatro Castro Alves e de um moderno hotel,⁹ iniciativas do governo estadual. Em relação a escultura e a pintura, fez votos de que a Bahia recebesse muitos artistas “de valor” durante as comemorações do quarto centenário, opinando que “quanto mais tendências tanto mais interessante para o público. E duplamente interessante para as vocações jovens, que assim terão oportunidade de estudar novas formas de expressão” (*Id.* p. 90). Assim, deixou claro mais uma vez que a presença de artistas de fora contribuiriam para a mudança de mentalidade dos artistas locais em relação às artes. E finalizou informando sobre a realização de uma exposição de pintura nacional, que ocorreria pois “a Câmara Estadual aprovou as necessárias dotações. Apenas uma modificação foi introduzida: em vez da mostra retrospectiva, cogita o governo de

8 Entre as crônicas publicadas por José Valladares em 1949, serão comentadas aqui *Que nos trará 1949? O Salão Bahiano I Visitantes e instalações e II Obras expostas.*

9 O Teatro Castro Alves foi concluído em 1967, no governo Lomanto Júnior (LUDWIG, 1982, p. 60). O Hotel da Bahia sediou o *I Salão Bahiano de Belas-Artes, em 1949.*

organizar um salão nacional, com a respectiva premiação, uma secção moderna e outra conservadora” (*Id. Ibid.*).

De fato, a Secretaria de Educação e Saúde promoveu o *I Salão Bahiano de Belas-Artes*, que ocorreu de primeiro a 30 de novembro, no ainda inacabado Hotel da Bahia. O evento mereceu três crônicas de José Valladares. Na crônica *O Salão Bahiano I – Visitantes e instalação*, publicada em 20 de novembro, o cronista registrou o sucesso do evento, estimando até aquele momento em mais de 15 mil o número de visitantes, sem dúvida, um número surpreendente. Sobre as causas do êxito, se perguntou:

Que é que atraiu o povo? A grandiosidade do novo hotel? A aglomeração de gente? Ou a própria exposição, com os quadros a cintilar sob a intensa luz artificial? - Deve de ter sido tudo junto, mas isto em nada diminui o êxito do Salão, de vez que a escolha do local foi fruto da boa visão da Comissão Organizadora e a aglomeração de gente consequência dessa feliz escolha (VALLADARES, 1951, p. 115).

Registrou que o evento custou “a quarta parte de um milhão, se tanto” (*Id.* p. 116). Observou que o valor foi baixo para um Salão de grandes proporções e ampla repercussão e observou que se permitia divulgar o valor gasto “porque desejamos realizar outros salões, sem que se presuma haver uma despesa que não existe” (*Id. Ibid.*). Assim, percebe-se o propósito de Anísio Teixeira e do próprio José Valladares em dar continuidade a iniciativa, o que de fato ocorreu.¹⁰ Valladares ainda narrou com detalhes a instalação do evento, elogiando o trabalho do arquiteto Diógenes Rebouças nessa empreitada.

Dando continuidade ao tema, na crônica *II Obras expostas*, de 27 de novembro, registrou que o *Salão Bahiano* reuniu 204 obras, sendo que 55 foram de autoria de artistas baianos ou residentes na Bahia, a exemplo de Rubem Valentim – que viria a se destacar como um dos grandes nomes da arte baiana. Segundo Valladares, a presença de artistas como Di Cavalcanti, Portinari e Anita Malfatti – entre outros renomados – refletiu a confiança que o salão inspirou. Ainda na mesma crônica, Valladares registrou a estratégia dos organizadores para reunir obras de qualidade:

Atente-se também em que, podendo os artistas concorrentes ao Salão Bahiano apresentar quadros já expostos noutros salões do país, com

10 “Os Salões foram em número de seis e se prolongaram de 1949 até 1956” (FLEXOR, 2003, p. 51).

isto facilitou-se a remessa de trabalhos pelo próprio artista considerados o mais, ou um dos mais expressivos de sua obra. A intenção da Comissão Organizadora foi conseguir o mais elevado padrão possível (*Id.* p. 120).

O ano de 1950¹¹

Na crônica *A exposição dos novos*, publicada em 23 de abril de 1950, José Valladares tratou da primeira exposição coletiva de artistas modernos da Bahia, intitulada *Novos Artistas Baianos*, frisando que “é fato de bastante significação que a primeira exposição coletiva de artistas modernos da Bahia tenha lugar exatamente no meio do século. Não é somente a circunstância de ser uma data rara” (VALLADARES, 1951, p. 155) e prosseguiu frisando que “a principal significação – ao nosso ver – está na constatação do atraso que na Bahia se vive em matéria de arte, distância de muitos anos do mundo civilizado” (*Id. Ibid.*). A exposição foi realizada de 18 a 30 de abril e reuniu obras de Mário Cravo Júnior, Lígia Sampaio, Rubem Valentim e Jenner Augusto.

Assim como as artes estavam mudando, a própria Bahia vivia um período marcado por significativa transformação por conta da gestão de Octávio Mangabeira e o reconhecimento está implícito no texto de Valladares: “para honra da atual geração, muito esforço se tem feito no sentido de reconduzir a velha província a uma posição de importância, como era antigamente – bem antigamente aliás” (*Id. Ibid.*). Ao longo da crônica, o autor fez minuciosa crítica dos expositores, dizendo ser Mário Cravo Júnior um “escultor já conhecido e discutido” (*Id.* p. 156) e concluiu que “não podemos antever o futuro dos três novos artistas. Mas desejamos que continuem com todo entusiasmo, de vez que possuem personalidade e poderão eventualmente chegar a resultados de importância para nossa pintura” (*Id.* p. 159).

A Mário Cravo Júnior, José Valladares dedicou o texto *O escultor Mário Cravo*,¹² onde tratou, com muitos elogios, a coleção de aquatintas produzida pelo artista, reconhecendo a importância do mesmo para a afirmação do Modernismo na Bahia. Valladares comentou que “já houve quem falasse no panorama crepuscular da arte bahiana de nossos dias. Queria referir-se à arte dita acadêmica [...] Na velha salvador, porém, ao crepúsculo sobreveio uma tempestade” (*Id.* p. 161), e prosseguiu afirmando que Mário Cravo Júnior e Carlos Frederico Bastos “são os principais representantes dessa renovação agitada, cujos ecos vão encontrando ressonância no

11 Entre as crônicas publicadas por José Valladares em 1950, serão comentadas aqui *A exposição dos novos*, *O escultor Mário Cravo* e *O mural do novo hotel e As artes no governo Mangabeira*.

12 Publicado como prefácio ao álbum editado pelo Museu de Arte de São Paulo (*Id.* p. 161).

ânimo de muitos jovens, da mesma geração, ou mais moços, que agora se iniciam (*Id. Ibid.*).

Entre os jovens pintores da época, começava a destacar-se Genaro de Carvalho, então com 23 anos, que recebeu do Governo do Estado a encomenda de um mural para o restaurante do Hotel da Bahia. Sobre o episódio, Valladares escreveu a crônica: *O mural do novo hotel*, publicada em 17 de dezembro de 1950. Registrou que acompanhou todo o processo de realização do painel. Informou que o mural media duzentos metros quadrados, afirmando que “até o momento, nenhum artista nacional de sua geração levou a efeito obra da mesma envergadura” (*Id. p. 190*). sobre a temática abordada, explicitou os temas tratados por Genaro de Carvalho no mural – que seriam fartamente utilizados por pintores modernistas baianos ao longo das décadas seguintes:

apresenta o mural meia dúzia de cenas da chamada Bahia histórica e pitoresca, todas simplificadas plasticamente. Algumas isoladas, como a rinha, o desafio de cantadores e o presente a Iemanjá, aos demais – procissão, lavagem do Bonfim e Senhor dos Navegantes – entrosadas numa composição única, que é o trecho mais complexo da obra. Mais complexo e onde o artista se mostra mais conhecedor da lógica espacial cubista, bastante fácil de imitar porém muito difícil de organizar com unidade e harmonia (*Id. p.190*).

Em *As artes no governo Mangabeira*, crônica publicada em 31 de dezembro de 1950, José Valladares enumerou diversas iniciativas oficiais: na arquitetura, destacou o mercadinho de peixe do Porto da Barra e o estado em que se encontravam as obras do Hotel da Bahia. Criticou o Fórum Ruy Barbosa, poupando apenas as peças de escultura. Citou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, pela importância arquitetônica e social. Em relação a escultura e pintura, destacou o Salão Bahiano e os murais que, segundo o autor, “constituem o passo mais avançado da pintura bahiana moderna” (*Id. p. 196*).

Em relação ao teatro, Valladares citou o aparelhamento do auditório do Instituto Normal e do Guarani, registrando, entre outras iniciativas, “os recitais, em número elevadíssimo, subvencionados pela Secretaria de Educação” (*Id. p. 197*). Ainda se referindo ao apoio dado às artes na gestão de Octávio Mangabeira, ponderou que não seria justo atribuir ao governo o aparecimento de tantos novos artistas, “mas não seria justo, tão pouco, esquecer o estímulo que lhes foi trazido, não somente com o Salão como também com a ajuda financeira e o prestígio dado a exposições (*Id. p. 196*).

A respeito do Modernismo na Bahia, as crônicas de José Valladares revelam que as artes mudaram quando a realidade política, econômica e social da Bahia finalmente começou a mudar, no governo Mangabeira. Nesse processo, as iniciativas no campo cultural foram postas em prática aliadas à educação e a criação de oportunidades para que o contato com novas maneiras de pensar, de se expressar e de criar colaborassem para uma transformação efetiva no campo artístico.

Referências:

BARBOSA, Juciara Maria Nogueira. **A Bahia de Jubiabá em fotografias de Pierre Verger**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, 2005. 165p.

_____. **Descompasso: como e porque o Modernismo tardou a chegar na Bahia**. In: V ENECULT. Salvador: Ritos, 2009.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Espelhos na penumbra: o enigma soteropolitano. Ensaio e Bloqueio da Autonomia Política de Salvador (1947 - 1959)**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996 (Dissertação apresentada ao Mestrado em Administração da Escola de Administração).

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Bahia: raízes da arte moderna**. In: Artes visuais na Bahia. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2003, p. 37-51.

LUDWIG, Selma Costa. **Mudanças na vida cultural de Salvador 1950-1970**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1982 (Dissertação apresentada no curso de Mestrado em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas).

_____. **A Escola de Belas Artes 100 anos depois**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1977 (Centro de Estudos Baianos, v. 80).

MIGUEZ, Paulo. **Periodizando a cultura baiana no novecentos: uma tentativa preliminar**. Salvador: UNIFACS, 2000. v.1, n.8, p.33-36.

PRIMEIRO SALÃO BAHIANO DE BELAS-ARTES. Catálogo. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1949. 60p.

ROCHA, Carlos Eduardo da. Anísio Teixeira e as artes na Bahia. In: ROCHA, João Augusto de Lima (Org.). **Anísio em movimento**. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992, p.118-126.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Dilemas para uma política cultural na contemporaneidade. In: LEITÃO, Cláudia (Org.). **Gestão cultural: significados e dilemas na contemporaneidade**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2003. p.89-104.

SANTANA, Jussilene. **Odorico Tavares. O homem de Chatô**. In: Memórias da Bahia II. Salvador: Empresa Baiana de Jornalismo, 2004. p. 5-33. (Coleção Grandes Reportagens do Correio da Bahia, v. 11).

SCALDAFERRI, Sante. **Os primórdios da arte moderna na Bahia: depoimentos, textos e considerações em torno de José Tertuliano Guimarães e outros artistas**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado – Museu de Arte da Bahia, 1997. 182p.

VALLADARES José. **Dominicais Seleção de crônicas de arte 1948-1950**. Bahia: Artes

Gráficas, 1951, 202p.

_____. **Artes maiores e menores Seleção de crônicas de arte 1951-1956.** Bahia: Progresso, 1957. 176p.

<http://www.governador.ba.gov.br/?pg=galeria> Acessado em: 6 mar. 2009.